

Conflitos Religiosos e Revolução (Ação Política)

São bem conhecidas as publicações que apontam a maçonaria como motivadora da Revolução Francesa de 1789, com o lema, “liberdade, igualdade e fraternidade”. Contudo, há que se considerar que tanto os líderes maiores da Ordem maçônica, como grande parte de seus membros, eram aristocratas, tendo sido muitos deles guilhotinados. Portanto, aqui também, tal qual em outros eventos revolucionários, a participação não se deve à maçonaria como instituição mas sim aos maçons, que usando o princípio de livre exame de todas as idéias eram encontrados muitas vezes em campos ideológicos opostos, e mesmo em opostas frentes de batalha. É verdade que os precursores filosóficos da revolução eram em sua maioria maçons, tendo sido iniciados na famosa loja *Nove Irmãs*, mas o Grão-Mestre do Grande Oriente da França, durante a revolução, o Duque de Orleans, temendo o reino de terror que se instaurara, adotou o nome de *Citoyen Egalite*¹ e por meio de jornais repudiou qualquer ligação sua com a maçonaria ou o Grande Oriente. Mesmo assim, acabou sendo também guilhotinado. Gueiros Vieira comenta:

Aula 9

Objetivos:

- Explicar a origem de históricos conflitos religiosos;
- Comentar a participação maçônica em movimentos revolucionários.

“É fato notório que a revolução destruiu a maçonaria francesa pré-revolucionária. O Grande Oriente francês entrou em recesso. As lojas de Paris... eram inteiramente aristocráticas, e seus mestres, eleitos ad-vitam, eram membros da nobreza. Quase todos eles foram executados. Durante a revolução, somente três lojas parisienses conseguiram permanecer abertas. Pode-se bem supor que essas foram lojas de classe média, que tomaram um aspecto revolucionário. Em 1795 o Grande Oriente francês ressuscitou com apenas 18 lojas que tinham sobrevivido ao reino de terror”.²

A Influência da unificação italiana

Um outro fator veio recrudescer a aversão e desconfiança que a igreja católica nutria pela maçonaria: o movimento pela unificação da Itália, chamado *risorgimento*. Até meados do século XIX, a Igreja tinha sob seu domínio larga faixa do centro da Itália, e o papa era o governante desse vasto território chamado de “Estados Pontifícios”.³

Os movimentos revolucionários a partir da primeira metade do século dezenove eram a prin-

cípio localizados, com a revolta dos habitantes da península contra seus dominadores estrangeiros, os austríacos no norte e os espanhóis no sul, mas logo se começou a falar do sonho de uma Itália unida. Estes ideais eram estimulados entre o povo pelas diversas sociedades secretas existentes na época, como as declaradamente revolucionárias **Carbonária e os Jacobinos** e a própria maçonaria. Havia um descontentamento generalizado contra o clero e a classe dominante, mesmo nos estados pontifícios.⁴

A estimulação dessa revolta desaguou logicamente no anseio de um país unificado, culminando na revolução de 1848, quando em março a revolta eclodiu em Milão, expulsando as tropas austríacas e forçando o papa Pio IX a fugir de Roma, buscando auxílio em Gaeta, no reino de Nápoles. Em 1859 as tropas de Vitorio Emanuel, rei de Piemonte, e de Napoleão III da França entraram em Milão, e o papa retornou a Roma. Mas os ventos revolucionários continuaram a soprar, e o famoso Giuseppe Garibaldi inicia sua campanha na Sicília em 1860, subindo em direção a Roma em vitórias sucessivas.⁵



A Itália no século XIX

Adriano Lemi, Garibaldi e muitos outros líderes do **Risorgimento** eram maçons. As tropas “camisas vermelhas” de Garibaldi só não tomaram Roma devido a um acordo firmado entre seu líder e o governo Piemontês, no qual Garibaldi reconhecia Vitorio Emanuel como rei da Itália unida. Os estados pontifícios foram ocupados e o território da Igreja ficou circunscrito a Roma e o Lácio, mesmo assim, mantidos apenas com o apoio das tropas francesas.

Quando em 1870 os soldados franceses retiraram-se, as tropas papais não puderam conter o avanço dos italianos, e em 20 de setembro de 1870, Roma tornava-se capital da Itália e a sede do governo era o antigo palácio do Quirinal, até então ocupado pelo papa. Do amplo território italiano antes sob sua jurisdição, restou ao papa apenas o Vaticano.

Portanto, quando as bulas papais referiam-se à maçonaria como revolucionária, não estavam falando de quimeras, receios infundados, mas refletiam uma realidade político/social da época, vivenciada pela Igreja na Itália. Sua condenação à Ordem maçônica transcendia as divergências meramente filosófico-religio-

sas, pois eram permeadas pelo ressentimento devido à perda de domínios e riquezas temporais. Acresce-se a isso o fato de que o novo governo italiano era também influenciado por pensadores anticlericais:

“Os conventos e mosteiros foram declarados propriedade nacional e muitos deles convertidos em quartéis. Nas escolas deixou-se de dar o ensino religioso”⁶

É bom lembrar também que princípios hoje considerados óbvios universalmente, como a separação entre igreja e estado, casamento civil, cemitérios públicos, entre outros, não eram naquela época. Defendidos por intelectuais liberais, esses princípios eram apontados como satânicos, estando seus defensores contra a Santa Madre Igreja.

Leão XIII, sucessor de Pio IX, em seus 25 anos de pontificado emitiu 228 documentos condenando a maçonaria e outras sociedades secretas. Em sua encíclica *Humanum Genus*, de 20 de abril de 1884, declara:

“... O último e principal de seus intentos, a saber: destruir os fundamentos da ordem religiosa e civil estabelecida pelo cristianismo, levantando à sua maneira outra nova ordem, com fundamentos e leis tiradas das entranhas do naturalismo... Há muito tempo que se trabalha para anular na sociedade toda a ingerência do magistério e da autoridade da igreja, e para este fim apregoa a luta para separar a igreja e o estado, excluindo assim de suas leis e da causa pública a mui salutar influência da religião católica.”⁷

O Anticlericalismo Francês

O século XIX continuou a presenciar o desenvolvimento de movimentos revolucionários na Europa e nas Américas. Nesses movimentos, buscavam-se as liberdades individuais e contestava-se a posição dos governos absolutistas.

Essas idéias encontravam ressonância nos ideais maçônicos de liberdade, igualdade e fraternidade.

Muitos dos intelectuais franceses, que também eram maçons, manifestavam-se abertamente contra a relação entre a igreja e o

estado, propondo uma desvinculação total das duas instituições. Insurgiam-se também contra o fato de a educação francesa ser orientada por religiosos, cujo pensamento tachavam de retrógrado e anticientífico.⁸ O confronto dos pensadores franceses com os eclesiásticos já vinha desde o século anterior com o iluminismo e a enciclopédia, como tivemos oportunidade de comentar.

Um reforço a esse estado de mobilização intelectual foi oferecido pelo surgimento do positivismo. Augusto Comte, francês nascido em Montpellier em 1798, produziu uma obra filosófica cujos reflexos, de âmbito mundial atingiram também o Brasil. No ano de 1830 inicia-se a publicação do **Curso de Filosofia Positiva**⁹ cujo primeiro tema, abordando a filosofia da história, apresenta o que Comte chamou de Grande Lei Fundamental, que descreve o desenvolvimento da inteligência humana. Segundo essa lei, o conhecimento humano, em todos os aspectos, passa por três fases sucessivas: o Estado Teológico, ou fictício; Estado Metafísico, ou abstrato, e Estado Científico, ou positivo. Comte assim descreve sua famosa¹⁰ lei:

“No estado teológico, o espírito humano, dirigindo essencialmente suas investigações para a natureza íntima dos seres, as causas primeiras e finais de todos os efeitos que o tocam,...apresenta os fenômenos como produzidos pela ação direta e contínua dos agentes sobrenaturais mais ou menos numerosos, cuja intervenção arbitrária explica todas as anomalias aparentes do universo.

No estado metafísico, que no fundo nada mais é do que simples modificação geral do primeiro, os agentes sobrenaturais são substituídos por forças abstratas, verdadeiras entidades (abstrações personificadas) inerentes aos diversos seres do mundo, concebidas como capazes de engendrar por elas próprias todos os fenômenos observados, cuja explicação consiste então, em determinar a cada um uma entidade correspondente.

Enfim, no estado positivo, o espírito humano, reconhecendo a impossibilidade de obter noções absolutas, renuncia a procurar a origem e o destino do universo, a conhecer a causa íntima dos fenômenos, para preocupar-se unicamente em descobrir, graças ao uso combinado do raciocínio e da observação, suas leis efetivas, a saber suas relações invariáveis de sucessão e similitude.”

Comte propunha a uma reforma intelectual e social da humanidade, que depois evoluiu para a idéia de uma religião universal. Segundo ele:
¹¹ *“A religião consiste pois em regular cada natureza individual e em congregar todas as*

individualidades.” E isso seria alcançado pela vivência dos princípios positivistas, com a fórmula: *“O amor por princípio e a ordem por base; o progresso por fim”*. A influência do pensamento positivista no Brasil veio se refletir no lema comteano de nossa bandeira: *Ordem e Progresso*. Em lugar de Deus, a religião positivista cultua a humanidade:

“Esta apreciação final condensa o conjunto de concepções positivas na noção única de um ente imenso e eterno, a humanidade, cujos destinos sociológicos se desenvolvem sempre sob o domínio necessário das fatalidades biológicas e cosmológicas.”¹²

Considerando as religiões teológicas e metafísicas como quimeras, o positivismo veio reforçar a onda de oposição à igreja católica que varria a Europa. Assim, o anticlericalismo do final do século XIX já tinha uma longa história.

Podemos considerar que o clímax do conflito igreja católica/maçonaria na França ocorreu no período entre 1889 e 1905.



“Em 19 de novembro de 1899, durante a inauguração da estátua de Dalou, O triunfo da República, cerca de 400 maçons, paramenta-

dos com seus adornos haviam sido mobilizados pelo Grande Oriente para desfilar em frente dela bradando: Viva a república social, abaixo os jesuítas! A convenção de 1902 vota uma moção de congratulações ao Ir.: Emile Combes, presidente do conselho, e uma outra de 151 votos contra 141 propondo que o casamento religioso ou o batismo dos filhos fosse considerado delito maçônico.”¹³

Lembremos que a maçonaria aqui referida era o Grande Oriente de França, que anos antes havia eliminado de seus rituais a invocação “À Glória do Grande Arquiteto do Universo”, sendo desde então considerada irregular, não-maçônica, pela Grande Loja da Inglaterra e suas associadas. O extremismo anticlerical francês alcança seu auge no pronunciamento de Maurice Alleau, da tribuna da Câmara, de onde declara serem a igreja, o catolicismo e o cristianismo em si incompatíveis com o regime republicano. Considerava ele também, em seu pronunciamento, o cristianis-

mo como ultrajante à razão e à natureza, e terminava propondo a descristianização da França.

Obviamente, pronunciamentos desse teor, comuns desde o fatídico ano de 1877, vinham a aprofundar o conflito, pois aos olhos das autoridades eclesiásticas, que nada entendiam de regularidade maçônica, era **A Maçonaria** que se apresentava como sua ferrenha inimiga. Por isso não causa estranheza que a encíclica *Humanum Genus*,¹⁴ do papa Leão XIII condenasse novamente a instituição maçônica. Essa condenação foi repetida em 19 de março de 1902, em publicação que dizia:



“Uma seita tenebrosa que a sociedade carrega há muito tempo em seu seio e como um germe mortal contamina seu bem-estar, a fecundidade e a vida. É a personificação permanente da revolução, e constitui uma espécie de sociedade em retrocesso, cuja finalidade é de exercer uma soberania oculta sobre a sociedade reconhecida, e cuja razão de ser consiste totalmente na guerra contra Deus e sua igreja.”

Em 1912, Oswald Wirth,¹⁵ promotor do retorno ao simbolismo maçônico na França, procurando distanciar o pensamento maçônico do materialismo, denunciava como piores maçons aqueles que iam às lojas movidos pelo ódio contra a igreja católica. Essa situação começou a modificar-se com a fundação da Grande Loja Independente da França, em 1913, que re-introduziu em solo francês a autêntica maçonaria tradicional, com sua tolerância religiosa e dedicando seus trabalhos **“À Glória do Grande Arquiteto do Universo”**. Contudo, nos anos que se seguiram, a posição do Grande Oriente não se modificou, e tampouco a da igreja, e novas encíclicas papais reafirmavam as condenações anteriores.

A Maçonaria e as Revoluções Americanas

A maçonaria também teve papel de destaque nos territórios americanos do norte e do sul. Os Estados Unidos receberam a maçonaria via Inglaterra em meados do século XVIII e logo, em todas as treze colônias que à época formavam o país, havia lojas maçônicas em funcionamen-

to. Dentre os grandes nomes que compõem a história da independência norte-americana, a maioria era composta por maçons.

Destaca-se naquele episódio histórico a figura de Benjamin Franklin. Nascido em 1706, Franklin tornou-se aprendiz de impressor na infância, trabalhando na gráfica de seu irmão.¹⁶ Aos 16 anos já escrevia anonimamente uma coluna no jornal. Mais tarde ele continuou a exercer estas funções em uma gráfica de sua propriedade. Benjamin Franklin foi também político, e um grande cientista, interessado em meteorologia e em vários outros aspectos da física, sendo sua representação mais conhecida aquela em que ele aparece empinando um “papagaio” num dia de tempestade para verificar a eletricidade das nuvens. Iniciado na maçonaria na Loja Provincial de Santo André, em Boston, Franklin foi um dos mais ativos divulgadores dos ideais revolucionários, através das lojas maçônicas e da imprensa, sendo mais tarde um dos redatores da declaração de independência dos EUA.

Buscando apoio diplomático e ajuda militar para sua causa, Benjamin Franklin, ministro



Iniciação Maçônica no século XVIII.

da jovem nação americana, foi para a França, onde permaneceu durante nove anos. Em Paris participou ativamente da maçonaria através da loja **Nove Irmãs**,¹⁷ que iniciou nomes famosos como Denis Diderot, D’Alambert, Laplace e Voltaire. Nessa loja, e sob sua orientação, foram criados cursos de literatura, frequentados pelos intelectuais da época. Também ali teve origem a **Sociedade Apoloniana**, que começando como uma universidade livre, tornou-se mais tarde o Liceu de Paris.

A independência dos Estados Unidos da América contou com a liderança de outros maçons, como Thomas Jefferson e George Washington, seu primeiro presidente, sendo conhecidas do grande público as figuras retratando Washington com paramentos maçônicos. Todavia, mesmo nos EUA a maçonaria sofreu perseguições religiosas.

As igrejas fundamentalistas norte-americanas promoveram uma intensa campanha antimaçônica entre os anos de 1826 e 1856, forçando

seus membros a escolherem entre a maçonaria e suas denominações cristãs, consideradas como filosófica e espiritualmente antagônicas. Nesse período, a maçonaria americana chegou a perder 75 por cento de seus membros.¹⁸ Presentemente, outra onda de intolerância antimaçônica tem sido promovida por várias denominações religiosas extremistas, que têm exigido uma posição mais firme de seus líderes, forçando seus membros maçons a fazerem a mesma opção do século passado. Em 1992 a convenção das Igrejas Batistas do sul criou uma comissão especial de investigação da maçonaria para determinar se há ou não incompatibilidade entre a doutrina maçônica e a fé cristã.¹⁹ Livros e fitas de vídeo têm sido produzidos dentro dessa campanha, onde sempre são apresentados ex-maçons arrependidos de suas iniciações, confessando práticas e doutrinas anticristãs. Na maioria das vezes usam as **imagens e textos** desenvolvidos por Leo Taxil, sem contudo fazerem a citação de seu nome, numa reedição da “The lie that will never die”.

Imagens e textos: Esse material tem chegado ao Brasil através de editoras ligadas às igrejas evangélicas, e seu público leitor é formado por pessoas que pouca informação tem sobre a maçonaria, e que dentro do atual clima de reavivamento espiritual dessas igrejas, são levadas a acreditar numa imagem maçônica com práticas e doutrinas anticristãs, senão declaradamente demoníacas.

Aqui no Brasil não somos capazes de avaliar a pressão que essa posição das igrejas evangélicas representa nos Estados Unidos, por causa das nossas grandes diferenças culturais. Em nossa sociedade sincretista, com abundância de cultos afros, espiritualistas, acusações desse teor são inócuas, servindo até como atrativo para um certo grupo de indivíduos, sempre em busca do “poder do ocultismo”. Mas numa sociedade com predominância de igrejas originadas na Reforma, que vivem uma visão cristã tradicionalista, às vezes com elevadas doses de fanatismo, essas acusações adquirem uma conotação muito mais grave e, como a experiência já demonstrou, difíceis de serem desmascaradas.

Voltando à independência norte-americana, seus efeitos cruzaram o oceano atingindo a Europa, e também se espalharam pelas Américas. O sonho de liberdade política, de autodeterminação acalentado pelas colônias espanholas e portuguesa das Américas, recebeu um sopro revitalizante com o sucesso da revolução das antigas treze colônias britânicas, agora Estados Unidos da América. Também as idéias liberais oriundas da revolução francesa contribuíam para criar um clima intelectual propício aos movimentos que propunham mudanças políticas, dos quais a maçonaria foi, em todo o continente americano, uma ativa participante.

A participação da maçonaria nos processos revolucionários não se deu como instituição, já que sua doutrina não visa à participação política e também pelo fato de que seus membros eram muitas vezes encontrados em campos ideológicos opostos, mas pela ação dos filiados a muitas lojas maçônicas que, ativistas políticos e revolucionários, encontravam nas lojas tribunas apropriadas para aliciamiento e divulgação de suas idéias.

Duas lojas européias foram de importância fundamental para os eventos revolucionários acontecidos nas Américas, a loja de Cadiz, na Espanha, e a loja Grande União Americana, fundada na embaixada da Venezuela²⁰ em Londres. Os grandes nomes que promoveram a libertação das colônias latino-americanas, como Bolívar, San Martín, Miranda, passaram por aquelas lojas. Ali foram lançadas as sementes e cultivadas as idéias liberais e revolucionárias que culminariam nos eventos que conduziram à formação dos modernos estados latino-americanos. O venezuelano Francisco Miranda, idealizador e fundador da “Sociedade Grande União Americana” incumbiu San Martín de fundar filiais daquela

loja nas colônias espanholas do sul da América, com a intenção precípua de divulgação dos ideais liberais republicanos. Foi essa a origem da famosa loja Lautaro, fundada em 1812 em Buenos Aires, cujo nome homenageia um herói nativo chileno que no século XVI havia combatido os invasores, lutando pela liberdade de seu povo.²¹ Outras lojas de mesmo nome foram fundadas em Mendoza e Santiago do Chile. É interessante ressaltar que essas lojas Lautaro, bem como sua loja-mãe, a Grande União Americana, não mantinham relações com a maçonaria britânica ou francesa, não sendo oficialmente reconhecida a sua existência por aquelas potências. Praticavam o rito francês ou moderno, com cinco graus, todos orientados para finalidades políticas, seguindo o ideal de libertação das Américas. A respeito dessas lojas Calvet Fagundes²² nos informa:

“Seus membros deviam ser necessariamente americanos, de renome pela liberalidade das idéias. Quando algum irmão fosse eleito para o supremo governo de um estado não poderia tomar resoluções graves sem consultar a loja, nem castigar com sua simples autoridade. Era lei da associação auxiliar-se mutuamente em todos os conflitos da vida civil, sustentar, mesmo com risco de vida a determinação da loja e prestar contas de tudo o que pudesse influir na opinião ou na segurança pública. A revelação do segredo da existência da loja, por palavras ou por sinais, seria punida com a morte, o que não sei se foi executado alguma vez.”

Então, nesta nona aula, você teve a oportunidade de ver a explicação da origem histórica dos conflitos religiosos e compreender a participação maçônica em movimentos revolucionários.

Em nossa próxima aula, apresentaremos a origem do templo maçônico e discutir sobre as influências que tiveram outros templos, na história da Maçonaria.